

Cartografias das Territorialidades Indígenas: as narrativas no documentário “Por onde anda Makunaíma?”¹

Thiago BRIGLIA²

Lisiane AGUIAR³

Universidade Federal de Roraima, RR

RESUMO

Este artigo problematiza como o documentário "Por onde anda Makunaíma?" contribui para a compreensão das diversas narrativas sobre o mito indígena e suas distinções em relação às narrativas ficcionais do personagem homônimo. A partir da epistemologia da cartografia rizomática, busca identificar singularidades pelas construções hibridizadas e multifacetadas das perspectivas ficcionais, demarcando as territorialidades indígenas de Makunaíma. A pesquisa faz análise do *corpus* fílmico com descrição de sequências, cenas, planos, conteúdo dos depoimentos e das estratégias narrativas no âmbito do roteiro, direção, produção e montagem.

PALAVRAS-CHAVE: Makunaíma; narrativa; territorialidade; documentário.

1. INTRODUÇÃO

O estudo analisa as especificidades narrativas do filme "Por onde anda Makunaíma?" (POAM) - dirigido por Rodrigo Séllos, produzido pela Platô Filmes em co-produção com a Boulevard Filmes - destacando as singularidades da perspectiva indígena sobre Makunaíma e suas conexões com as diversas nuances ficcionais. Pontua aspectos intrínsecos e extrínsecos ao *corpus* fílmico do documentário, mostrando que a territorialidade da identidade indígena vinculada à personagem mítica Makunaíma perpassa fortemente pelas construções hibridizadas e multifacetadas das narrativas ficcionais de Makunaíma.

Entre os procedimentos metodológicos desta pesquisa, destacamos a visualização do filme “POAM”, a seleção de trechos relevantes dos depoimentos, a descrição e análise

¹ Trabalho apresentado na DT 4 – Comunicação Audiovisual do 20º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 14 a 16 de junho de 2023.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRR. E-mail: thiago.cinerr@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRR. E-mail: lisiaguilar@gmail.com

dos aspectos técnicos que influenciam a forma como as narrativas são apresentadas considerando: justaposição de planos, tipo de montagem (paralela ou linear), imagens de apoio que ilustram as falas, enquadramento dos planos de imagem, trilha sonora.

Para entender os aspectos de linguagem que caracterizam o filme é necessário fazer sua decomposição, seguindo preceitos da análise fílmica. “Analisar implica duas etapas importantes: em primeiro lugar decompor, ou seja, descrever e, em seguida, estabelecer e compreender as relações entre esses elementos decompostos, ou seja, interpretar” (AUMONT, 1997; PENAFRIA, 2009).

A interpretação desta obra audiovisual baliza-se pelos princípios metodológicos da cartografia rizomática (DELEUZE; GUATTARI, 1995) aplicada ao audiovisual, que permite a feitura de recortes e fragmentação de um filme, observando suas heterogeneidades, subjetividades, suas linhas de fugas e diferenciações. A partir destes recortes da diegese do documentário, traçamos novas linhas de análises de elementos extrínsecos que ajudam a interpretar as narrativas, num fluxo de produção de subjetividades que transcendem a obra e impulsionam a reflexão sobre territorialidade (ZANETTI, 2017), (AGUIAR, 2022).

Desse modo, abordamos as narrativas, as cartografias e as territorialidades identitárias de Makunaíma. Partimos da concepção de narrativa como uma ação que contribui para a compreensão do mundo. Seja na retórica mítica dos povos indígenas sobre Makunaima, seja nas distintas construções ficcionais de Macunaíma, os discursos permeiam a realidade da vida cotidiana para constituir as narrativas.

2. AS NARRATIVAS DE MAKUNAÍMA

Gravado em Roraima, no Rio de Janeiro e em São Paulo, o filme documentário “Por onde anda Makunaíma?” tem como principal fio condutor da narrativa fílmica os depoimentos de pessoas reais, previamente escolhidas a partir de suas relações de conhecimento e atravessamentos com o objeto temático. São relatos de indígenas, artistas, pesquisadores e professores sobre o mito indígena e sobre as diversas perspectivas ficcionais da personagem Macunaíma.

O documentário enquanto linguagem audiovisual é uma tipificação da narrativa fílmica. Em seu corpus fílmico, pontuamos que as diversas perspectivas sobre o objeto temático, também são consideradas narrativas autônomas. Segundo Leal (2022), toda e

qualquer narrativa constrói uma imagem do mundo, das pessoas, das ações, de tempos e espaços. Essa imagem, esse mundo narrativo, é elaborada a partir de um gesto interpretativo de fundo, que elabora e faz circular uma história a partir de uma dada realidade social. Essa história, então, passa a integrar as diferentes realidades nas quais se inserem seus interlocutores, aqueles que a experimentam. Mesmo as narrativas demarcadas como ficcionais, por mais que falem de "outros universos", são parte do dia a dia de várias pessoas. A ficção não se opõe à realidade (2022, p.51).

A interlocução é ponto central para o que o autor define como "olhar narrativizante". Este olhar busca alcançar a construção de narrativas a partir de elementos heterogêneos. Uma sucessão de paisagens na janela de um carro não constitui, por si só, um texto narrativo. No entanto, elas podem vir a sê-lo caso a pessoa que as experimente as ponha juntas, articulando uma intriga e um desenrolar temporal. O autor destaca ainda, na dimensão dos estudos da narrativa, o valor das "linhas narrativas", que são histórias fragmentadas, em geral nucleadas por temas específicos, e que se renovam à medida que novos pontos são observados numa história contada.

3. AS CARTOGRAFIAS DE MAKUNAÍMA

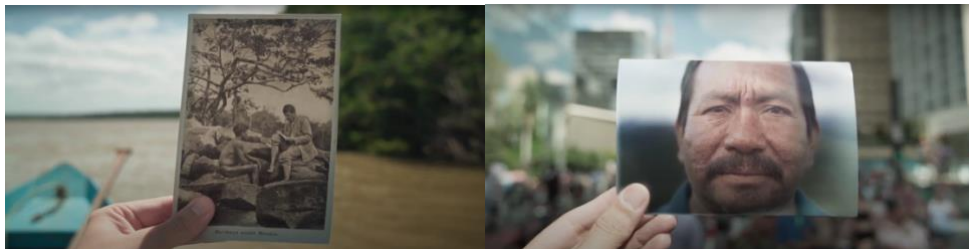
A busca por Makunaíma proposta pelo filme documentário "Por onde anda Makunaíma?" (POAM) realça as singularidades da personagem à medida que busca compreender as perspectivas imergindo nos contextos de sua territorialidade. A maneira como o filme busca se aproximar dos símbolos que remetem a Makunaíma em cada localidade visitada nos remete ao método cartográfico rizomático proposto por Deleuze e Guattari (1995).

Para os autores um dos princípios da cartografia é a experimentação ancorada no real. Ela é composta por um campo metodológico menos cartesiano, onde podem transitar as vozes dos envolvidos, pois uma realidade sendo cartografada se apresenta como mapa móvel, de modo que tudo aquilo que pode aparentar uma mesma coisa, na verdade, é um concentrado de significação, de saber e de poder (AGUIAR, 2017, 2011).

Quando se aborda a territorialidade é inevitável falar de poder, em suas dimensões política, social, econômica e simbólica. Dimensões imbricadas e imanentes de processos historicamente constituídos e repletos de intencionalidades. A territorialidade é uma

vivência inseparável da história e embutida nas relações sociais. É sempre construída socialmente e envolve as representações, os afetos e as disputas de poder sobre um determinado espaço, num tempo específico.

Em POAM encontramos diversos dispositivos narrativos para demarcar territorialidades que referenciam qual perspectiva de Makunaíma está sendo abordada. Utiliza-se imagens aéreas como recurso para ambientar o espectador sobre o território onde está inserida a *voz over* do entrevistado, que só tem o rosto revelado após uma parte de sua fala ser ouvida com alguma imagem de paisagem. A medida que enxergamos as paisagens, tendemos a conectar o personagem com os objetos dispostos no enquadramento e conseqüentemente atribuir significação para a imagem.



FIGURAS 1 e 2 - Recurso narrativo em POAM para estimular a produção de sentidos por parte do espectador

Outro recurso narrativo que a montagem do documentário revela é conexão de imagens de três contextos distintos para tangenciar as variações na perspectiva do mito indígena de Makunaima. O filme apresenta sequências que mesclam imagens de arquivo, gravadas em 1911 por Koch-Grünberg, com imagens de jovens numa comunidade indígena e imagens de jovens estudantes de uma escola pública.



FIGURA 3 - Ritual Parixara registrado por Koch-Grünberg em 1911



FIGURA 4 - Parixara performado por jovens de Santa Elena - VE



FIGURA 5 - Parixara interpretado por jovens da comunidade do Barro - Roraima

Nos três momentos vemos performances de um Parixara. Este ritual consiste numa celebração com canto e dança circular. À medida que POAM dá voz para os diversos personagens/depoentes que apresentam nuances diferentes sobre Makunaíma, as imagens revelam as particularidades das territorialidades em que estas pessoas estão inseridas. Uma estratégia muito eficaz do filme, que está sempre estimulando o espectador a observar as especificidades dos lugares de fala dos protagonistas da narrativa fílmica.

Um recurso muito singular do filme para visibilizar as diversas camadas que permeiam cada narrativa de Makunaíma é a projeção de imagens através de um caleidoscópio disposto na frente do objeto filmado. Ao espectador não é revelado o aparato em si (caleidoscópio), mas este recurso técnico e narrativo é muito eficaz na proposição do filme. Através destas imagens espelhadas em diversos ângulos, vemos o objeto centrado da tela partilhado em vários pequenos fragmentos de tamanhos e formas diferentes.



FIGURA 6 - Imagens espelhadas em caleidoscópio no documentário POAM

4. Considerações Finais

Observamos um Makunaíma mítico que é presente na cultura dos povos indígenas que vivem na tríplice fronteira Brasil, Venezuela e Guiana, etnografado pelo alemão Theodor Koch-Grümbert, que utilizou a grafia Makunaíma; um Macunaíma literário que é personagem popular da literatura brasileira, criado pelo autor modernista Mário de Andrade; um Macunaíma fílmico que é personagem do filme de Joaquim Pedro,

interpretado por Grande Otelo e Paulo José; um Macunaíma Performático que é personagem teatral da peça de Antunes Filho interpretado por Cacá Vasconcelos; e um Macunaíma Exupia – personagens constituídos a partir do filme de Joaquim Pedro e da Peça de Antunes Filho.

Assim, podemos tratar as construções narrativas sobre Makunaíma como fruto de práticas negociadas que envolvem as mais distintas influências para sua concepção identitária que ora parece singular e ora se consolida como híbrida. Através da análise dos componentes fílmicos, podemos identificar onde as tensões se evidenciam e onde as convergências se destacam na ideia de identidade e territorialidade de Makunaíma.

Pensar as territorialidades da identidade em Makunaíma requer pensar em deslocamentos contínuos. Reconhecer o descentramento do sujeito nos permite enxergar as potências das culturas em constante mutação e hibridação. Logo, o sujeito assume diferentes identidade em diferentes momentos, pois dentro de nós há identidades contraditórias que nos empurram em diferentes direções, de modo que nossas identificações estão constantemente sendo deslocadas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Lisiane. ***descolonizaREterritorializar* as metodologias:** micropolíticas críticas e problematização da experiência na investigação com comunicadores indígenas. In: WOLTRICH, Laura; ROSÁRIO, Nísia Martins do. Experiências metodológicas na Comunicação. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

_____. **Normalizações do saber-poder metodológico no campo da comunicação: por um étodo da diferença nos processos institucionais de produção de conhecimento científico.** Porto Alegre, RS. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, 2017. 215p.

_____. **Processualidades da Cartografia nos usos teórico metodológicos de pesquisas em comunicação social.** São Leopoldo, RS. Dissertação de Mestrado. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2011.

AGUIAR, Lisiane Machado. ROSÁRIO, Nísia Martins. **Pluralidade metodológica: a cartografia aplicada às pesquisas de audiovisual.** 2012 Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6089356>
<https://idus.us.es/bitstream/handle/11441/36485/Pages%20from%208-3.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

AUMONT, Jacques. **A Imagem.** Tradução Estela dos Santos Abreu e Cláudio Santoro – Campinas – SP. Papyrus, 1993.

CARVALHO, Fabio Almeida. **Makunaima/Makunaíma, antes de Macunaíma.** Revista Crioula - n^a 05 - maio - 2009.

DELEUZE, G. **Diferença e Repetição.** Rio de Janeiro: Graal, 2006.

_____ ; GUATTARI, Félix (1995): **Mil platôs.** V.1. Rio de Janeiro: Ed. 34

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo.** Petrópolis: Vozes, 1996.

GUATTARI, In: _____. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade multiterritorialidade.** 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

PENAFRIA, Manuela. **Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s).** VI Congresso SOPCOM, Abril de 2009.